

# Os tempos de Dona Pretinha

— TEÓFILO ARVELOS —

intransitiva  
▪ revista

MEMÓRIAS QUE NOS ATRAVESSAM (V. 4, N. 2, 2020)

# Os tempos de Dona Pretinha

Teófilo Arvelos —————

Bons tempos aqueles os de Dona Pretinha:  
os tempos da velha mãe e avó preta  
que morava comigo, jovem moça

mais branca que negra  
mais jovem que velha  
mais filha que mãe  
mais neta que vó  
mais coisa que dona.

Dona Pretinha vivia a coser a coser...

Parecia só saber coser

à máquina.

E cosia.



Cosia mecanicamente, mas não era  
coisa maquinal o seu  
cosido de pano.

Dona Pretinha Dona Pretinha...  
Morava comigo morávamos juntas  
éramos sempre juntas.

Eu jovem moça  
cuidava de minha velha avó.

Minha avó jovem velha  
cuidava de sua velha moça  
que não se casava nunca...

Mas ela cuidava mais de mim que  
eu dela.

E Dona Pretinha cosia cosia cosia sozinha  
mas não de forma contínua.

Contínua era tão somente a linha  
no novelo ainda não trabalhado  
da saca de novelos ainda não trabalhados.

De vez em quando a vó se interrompia,  
pigarreava a si mesma,

como se fosse outra,

e dizia:

– A agulha!



A voz falhava.  
Saía inaudível.  
Pigarreava de novo  
e dizia:

– A agulha!!!

E murmurava:

– De novo.

O dito era para a neta, e o murmuro  
era para si mesma.

Esqueci-me de falar do pedal da máquina.

A máquina de coser tinha um pedal  
bobo pedal  
mas que sob o pé de Dona Pretinha,  
descamado e torto e seco e frio  
metido em uma meia rosa  
ou azul ou amarela,  
metida em um chinelinho verde  
ou preto ou branco,  
fazia um vaivém que  
contagiava indo e vindo  
vindo e indo e rindo  
toda a casa.

Mas o dito era para a neta porque a neta  
agora precisava atender a vó.

– De novo?

– era a voz da neta, que era eu.

Eu tinha meus defeitos, e impaciência  
era um de meus defeitos  
principalmente quando eu estava  
lavando a roupa ou lavando a louça  
ou lavando a casa ou lavando o terreiro ou a varanda.

E a neta ia, a neta era eu, e olhava a vó.  
Eu olhava a vó e tocava seu ombro  
para que soubesse que eu estava ali.

E vovó repetia:

– A agulha.

com a voz já de novo vazia.

Era a agulha.

Era a linha.

Era a linha que saía da agulha.

Eu metia a linha na agulha e dizia:

– Vó, está pronto.

Dona Pretinha, Dona Pretinha era minha avó,  
acreditava em mim que estava

tudo pronto

tudo certo

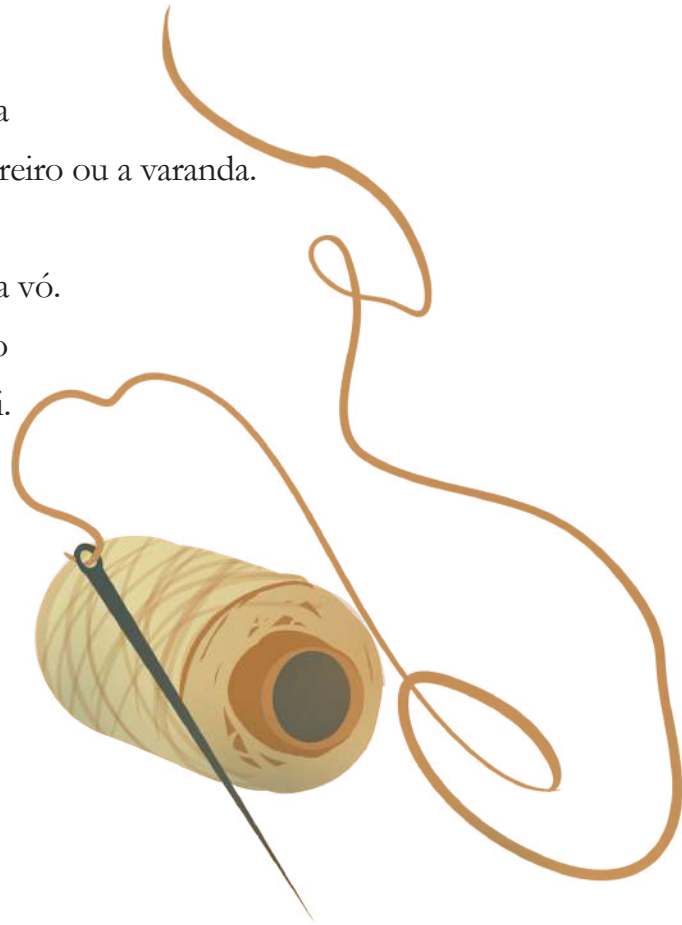
tudo bem

e continuava a coser.

E o vaivém do pedal me fazia novamente feliz.

Eram assim os tempos últimos de  
Dona Pretinha.

Cosia cega, Dona Pretinha era cega desde meus  
cinco anos ou seis anos ou sete anos.



Mas era tão boa cosendo que não  
parava de coser nem comendo.  
E fico me lembrando de que seus cosidos  
tinham cores que não se viam em qualquer outro  
cosido porque eram combinações de linhas  
e remendas e trapos e panos e tiras que  
somente vendo para acreditar  
(eram lindos).

E o vaivém do tempo agora me traz esses tempos,  
tão doces tão novos tão  
fndos.

## Sobre o autor

Teófilo Arvelos é autor dos livros de poesia *Parnaso e Lágrima*, publicados por intermédio da editora portuguesa Chiado Books. Publicou, também, capítulos de livros em antologias poéticas brasileiras. Atualmente, reside em Patos de Minas e estuda no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, onde cursa eletrotécnica integrada ao Ensino Médio e participa do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (Neabi).